

Pontos nos 11 SÉTIMO ANNO



ANNO NOVO



Anno novo, vida nova! Ha muito que estamos afeitos a repetir e ouvir esta phrase, sem que nos formos por a realizar, qualquer que seja o objecto da nossa occupação, ou o ponto em que a nossa acção possa reflectir-se. No entanto, como a praxe constitue de per si um poder, e um poder invencivel, digamos mais uma vez: *anno novo, vida nova*.

Os *Pontos nos ii* dispensam-se de rememorar a serie de fatalidades que caíram sobre o nosso paiz, muito embora todos os demais periodicos assim tenham procedido. Sobejam para uma resolução que, como esta, deve causar abalo ás instituições e perturbar o celebre equilibrio europeu,—sobejam, ia-se dizendo, razões sobremaneira pesadas. A primeira é suppor-se, cá na casa, que não vale a pena fazer nova edição; segunda, porque está annunciada uma revista do anno e não estamos dispostos a fazer concorrência que havia de ser desleal, por isso que, em chalaça, somos o que todos sabem; e, finalmente, como tristezas não pagam dividas,—e o anno foi de tristezas e as dividas não faltam ao paiz,—julgámos pouco agradaveis, para abertura do anno, lamentações que a nada trazem remedio e desanimariam com certeza o governo de sua magestade...

Aqui está porque passamos uma esponja sobre a historia de 1890. Esperamos, porém, que o anno de 91 seja menos prodigo em desgraças e que o Deus das alturas, d'accordo com os nossos governantes, nos mostre um caminho mais livre de pedrêgulos e surpresas do que o que temos trilhado. Isto é em nosso

manifesto prejuizo, porque o publico habituou-se de tal arte ás estampas politicas, que não sabemos como encher estas paginas sem que os ministerios façam asneiras sobre asneiras. Só assim poderemos ter motivos para os castigar n'este pelourinho, em que tanta gente boa se tem sentido pouco a vontade. Com o nosso patriotico desejo de vêr o governo andar bem praticamos um tal acto de abnegação para os tempos que vão correndo, que, unica e simplesmente por modestia, dispensamos a commenda que o gabinete se prepara para nos enviar. Isto não quer dizer que passe pelo espirito do nosso gato a idéa de que o governo será correcto por forma a dispensar remoques. Seria demais! Uma asneirita, de oito em oito dias, sempre contamos com ella. Até esse ponto chega a longanimidade de qualquer mortal, quanto mais a dos homens d'estado. N'esta conformidade, os *pontos* continuarão sendo postos *nos ii*, para gaudio dos povos e lição dos peccadores. Mas como, sempre confiados na boa vontade geral e na protecção divina, não queremos duvidar de que a politica saia de sua habitual miseria e vise mais alto, procuraremos dar vida e interesse aos *Pontos nos i*, abrindo secções novas, em que os diversos aspectos da vida portugueza possam ter o seu logar especial de ridiculo ou o applauso tão sincero quanto comportem os limites da natureza humana.



Historia dos sete dias

Com mais ou menos frio e chuva, assim vão passando as festas, e assim transpozémos o portico final do anno de 90, deixando a mais tranquillias consciencias, o direito de o julgar, que não as nossas, tão contundidas ainda pelos infortunios que esse maldicto acarretou sobre o paiz.

O inferno suma no sorvedouro das coisas abjectas, esse calamitosissimo anno que a nenhum de nós deu felicidade, que fez os lavradores pobres, e faminto o povo, que fez sangrar a patria e tripudiar a politica, e que ao fim de 365 dias de rota, não deixa de si senão villipendios e miserias.

Findas as ferias, cuidarão que vae renascer o parlamento... Felizmente porém, ainda não. O rei expressou effectivamente hontem o seu jubilo, por se vêr nos seios da representação, mas foi prazer de pouca dura, porque o opiparo congresso, cujo fim constitucional é julgar das grandes e pequenas coisas que affectam de longe, ou de perto, os interesses do reino, só entrará em activo serviço, quando as principaes d'essas coisas se tiverem resolvido, fóra da sua acção legislativa. E', como vêem, o proprio systema constitucional, travando uma das suas mais mirificas engrenagens.

A cerimonia da abertura das côrtes, decorreu conforme os tramites usuaes.—Cingindo os seios da representação nacional, o inevitavel espartilho de policias. Na sala dos deputados, as duas conhecidas cadeiras de pasta doirada; o rei de botas e manto, dizendo com voz de barytono, as obscuridades do costume, enquanto S. A. o infante, de estoque em punho...

Emfim, pensemos n'isto: é a ultima vez que o pobre rapaz lhe pega, antes da sua partida para a Africa!

O Senhor Deus acaba de render preito á suprémacia politica da Inglaterra, fazendo consultar por intermedio do Papa, a rainha Victoria, sobre se esta veria com bons olhos a canonisação de Joanna d'Arc. Ora isto é nada menos do que a rehabilitação do Hintze, o qual acquiescendo ás vontades de Salisbury, na questão d' Africa, não foi senão o precursor das humilhações actuaes do Padre Eterno. Concluir-se-ha d'aquí a rehabilitação do nosso homem de ferro? Cuido que não. O que tudo isto prova, meus filhos, é que deuses e homens, é tudo a mesma bella sociedade!

Cada soldado da expedição leva para a Africa, tres lençoes. Dois são para a cama, comprehende-se. Mas o terceiro? Para banho, cremos que não será. E como o caso me fizera especie, fui consultar os especialistas.

—Não vê você, disse-me um d'elles, que todos os nossos soldados são valentes, e em Africa, quanto mais valentia, mais soltura.

Na Bôa Hora ia julgar-se um processo de roubo. Sobre a meza do juiz estavam algumas correntes de relógio, oiro de lei, base do crime. Vae, n'um intervallo, já evacuada a sala, as correntes sumiram-se... E os gatunos agora inculpam os juizes, e pedem ao ministro auctorisação para os julgar. Referido este caso ao Lopo Vaz, ouviram-no dizer, que era a lei da evolução. E em commentario, o Sergio: hoje nós, amanhã vós... Ao que eu retruco—em todo o caso, e sempre, elles!

O *Correio da Manhã*, na sua chronica da alta gomma «muito concorrida a Avenida, hontem de tarde. O sr. X. andou alli passeando no seu phaeton, tirado a cinco.» E chama o *Correio* concorrência, a seis pessoas! Ora lisongeie-se d'outra forma, que não contando dobrado, os que puxam.

O poeta de Roziers, bispoteando em rima cára, sobre a memoria do patrão Joaquim Lopes:

Elle foi da Virtude um exemplo fulgente:
Com coragem, luctou contra o Oceano ingente
Em prol da Humanidade,
Por isso, não será jámais olvidado,
Pelo bom Portugal, o nome immaculado
D'esse astro da Bondade

Puro decadismo! Mas levando a garrafa, faz-se abatimento.

O *Correio da Manhã* na sua chronica de modas: «.....A camisa tambem dispensa o pétilho com phantasias; sendo sempre o liso, o mais elegante.» Exactamente como na flauta, collega.

N'um jornal regenerador lemos um caso, em verdade macabro e original. Parece que o anno passado, lord Salisbury foi a Monte-Carlo, e vae, querendo entrar no Casino, não foi admittido pelos porteiros, porque o regulamento ordena que com o bilhete de admissão, se mostre o de visita, e o orgulhoso ministro da rainha Victoria embirrou em não querer dizer o seu nome, aos empregados. Foi posto fóra, e tão furioso ficou, que no dia seguinte, entregando um dos seus cartões de visita ao creado de quarto, enviou-o ao Casino, por desforço. Foi recebido ás barretadas de todos, e não houve graça que cavalheiros e damas lhe não endereçassem.

Até aqui, a noticia do periodico portuguez. Agora uns accrescentes do *Standard*: «Lord Salisbury, diz elle, tão bem se deu com a substituição do creado, em negocios de pequena monta, que o impingiu por ministro de S. M. britannica, ao sr. Barjona de Freitas, plenipotenciario portuguez, durante todas as entrevistas que os dois tiveram, para negociar o tratado d' Africa.»

Isto parece o *Ruy Blas*, com homens.

IRLAN.



THEATRO DE D. MARIA.

A MORTA



D. PEDRO II. JOÃO ROZA



BRAGA COSTA

Augusto Roza

4º ACTO.



2º ACTO.



4º ACTO

raphael BORDALO PINHEIRO

PINHEIRO

Subiu á scena no theatro de D. Maria o drama historico *A Morta*, de Lopes de Mendonça, o auctor do *Duque de Viseu*, portanto um conhecido de todos os que frequentam theatros.

O assumpto seria decerto ingrato se o auctor se estretasse a dar vida aos amores de D. Ignez de Castro e D. Pedro, que tem sido aproveitados de remota data para a confecção de dramas, mais ou menos acingidos á verdade historica, e, na maior parte dos casos, peccando pelo menosprezo de pormenores de que resaltasse o caracter do amante, e de que se pudesse formar uma idéa da epocha.

Lopes de Mendonça, porém, teve outra mira no seu trabalho. D. Ignez não é allí senão a visão que acompanha o monarcha, e que a cada evocação resurge nítida e refulgente ao espirito, conturbado e endurecido pela dôr, do rei justiceiro.

A Morta tem toda a sua acção baseada na lenda da coroação de Ignez; esta é a sua acção central, em torno a que passam dramas diversos—um adulterio, a abnegação da mãe da adúltera que, para a salvar, se perde, a dedicação do amante, até pedir a morte para deixar intacto o nome da mulher amada, etc.—scenas cheias de vigor, em que a epocha está marcada e a figura do rei destaca, serena, porque confia na justiça, severa até á crueldade, porque sente, diante de qualquer crime, resuscitar a morte de Ignez.

Estê drama terá, porventura, o defeito de se dividir em muitos, que avultam isoladamente; mas assim é a natureza, e a vida em si mesma, dispersa nas suas modalidades, quando não contradictoria nas suas manifestações.

(Continua na página seguinte.)

De forma que este mesmo defeito decorre naturalmente do facto sobre que assenta a trama da peça. Como obra litteraria não pode uma simples audição dar a exacta medida do valor do drama; no entanto resta-nos, como a todos os que assistiram ao desempenho d'elle, uma impressão favoravel que nos faz duvidar de que Lopes de Mendonça fosse menos acurado no lavor do verso do que nas suas anteriores obras.

Como trabalho dramatico *A Morta* tem scenas de verdadeiro valor.

Estão n'este caso, a scena da rua, em Alfama, quando o rei, come e bebe, animando o povo a folgar, mandando os moiros dançar,—scena caracteristica d'esse reinado extraordinario e d'esse rei, mais que todos popular; no terceiro acto, a scena de Affonso Madeira com Catharina, depois da prisão d'Affonso, como *matador* do judeu, em que Brazão emprega todos os seus recursos de artista distinctissimo, e que poderia ter um duplo realce, se porventura a sr.^a Amelia da Silveira pudesse corresponder á violencia da situação; no quarto acto, a scena da crypta, junto ao tumulo de D. Ignez de Castro, quando o rei desvaira, pedindo a Deus que resuscite a sua amada, e ao vêr a figura de Izabel Toese, que lhe recorda Ignez, ajoelha deante d'ella, para depois recuar, espavorido, attonito pela illusão, e voltar, transportado, a supplicar amor a Izabel, e, no cumulo da paixão, ordenar-lhe, como rei, que o amasse; no mesmo acto, na abertura do jazigo, o receio de vêr Ignez transformada pela morte, o horror que se pinta na sua physionomia, e o impeto com que corre a beijar-lhe a mão, a subita mudança, da ternura á severidade, por que passa ao mandar a côrte ajoelhar deante da rainha de Portugal, são outras tantas obras primas de comprehensão artistica quer do dramaturgo, quer de João Rosa; e, finalmente, no quinto acto, ao cortar se a scena de amor do rei e Izabel pela entrada do corregedor, que pede justiça contra Affonso Madeira e Catharina, por crime d'adulterio, passa-se uma lucta enorme no rei, justiceiro mas amante, amigo de Affonso, mas mais amigo da justiça. O rei pede ao corregedor que perdôe sua esposa; este recusa-se.

Esta scena que finda pela sentença fatal, que quebra de novo o amor do rei, é um titulo de gloria para o auctor do drama e mais um triumpho para Virginia, João e Augusto Rosa.

O desempenho foi, como temos vindo dizendo, bom. Mencionemos além de João Rosa, Brazão, Augusto Rosa e Virginia, sobre que recaem os mais importantes papeis, Ferreira da Silva, o judeu bufarinheiro, Costa, Cesar de Lima e Pinheiro, que fazem os seus papeis com notavel correcção.

O exito da *Morta* veio provar-nos que o publico não recebe mal os originaes portuguezes quando são bons e que ainda não chegámos a ponto de abdicar do theatro nacional, para representar sómente peças estrangeiras. E' mais uma razão para felicitar-mos Lopes de Mendonça que não teve duvida em affrontar a má vontade de muitos.

FASCICULOS E LIVROS



Para não faltar a um dever de delicadeza, aliás bastante rudimentar, cumpre-nos dizer que, continuando sem novidade em nossa importante saude, continuamos egualmente a receber da *Coppanhia Nacional Editora* os fasciculos das seguintes publicações:

Linda de Chamounix;

A capa do diabo;

A Terra Illustrada;

Astronomia Popular e

O Egypto, traducção do sr. Oliveira Martins.

Outrosim nos chegou ás mãos o primeiro fasciculo do *Amor de Perdão*, que, em edição monumental, começou a sair da casa editora Alcino Aranha & C^a, do Porto.

O romance é de Camillo Castello Branco, como todos se recordam (estou a vel-os dizer que sim); o facto de ser de Camillo é o unico que podiamos citar sem cair na banalidade do elogio vulgar.

Ao lado d'estas obras nacionaes, ou nacionalizadas pela versão, temos dois volumes francezes: *Aelia*, estudo esthetic pelo conde de Chambrun, em que se tocam, ainda que em poucas palavras, as obras de Corneille, Molière, Musset, Shakspeare e Homero e se analisa o Cid e o Polyceuto.

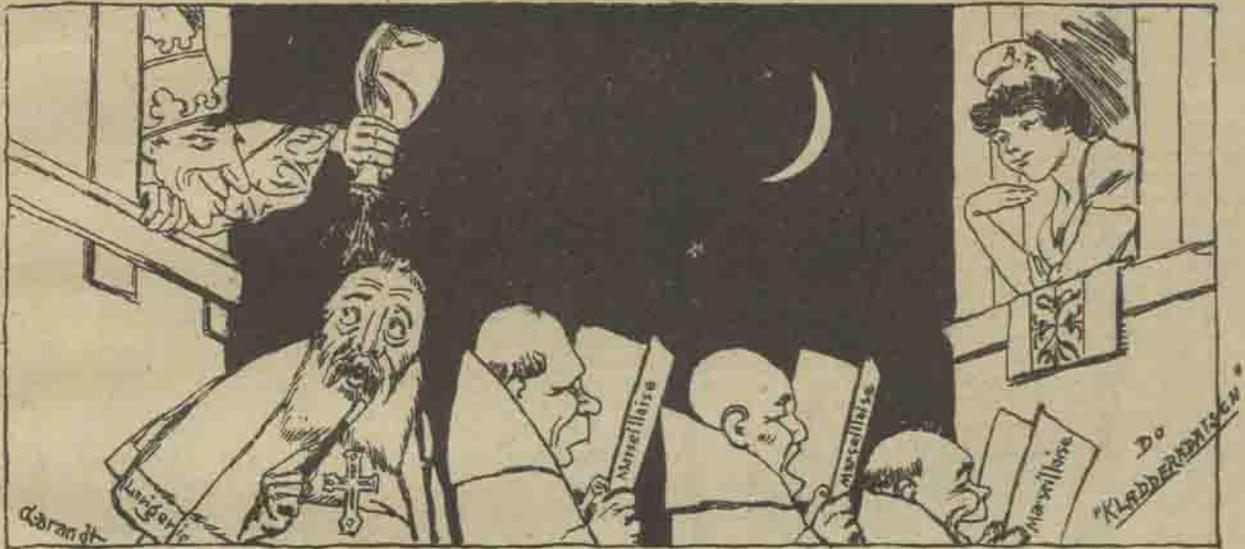
O segundo volume é uma compilação das opiniões da imprensa sobre os estudos politicos e litterarios do Conde de Chambrun.

Para final d'esta secção reservamos, muito propozitalmente, fazer menção da nova edição do *Cosinheiro dos cosinheiros*, publicado por Paulo Plantier. A utilidade do livro não precisa ser apregoada por isso que todas as donas de casa o consagraram como o codigo do estomago civilisado.



Ha mesmo quem diga que a collaboração de Brillat-Savarin não faltou a Paulo Plantier, que tanto cuidado teve em obter receitas dos nossos *gourmets* mais requintados. Brillat-Savarin, diga-se de passagem, encontrou em Portugal rivaes muito á sua altura. Por isso não é de estranhar que o *Cosinheiro dos cosinheiros* seja considerado pela maioria das senhoras de Lisboa um livro de leitura amena, com a dupla vantagem de ter por assumpto um ponto da maxima importancia, e de, na especialidade, ter adquirido fóros de infallivel nos seus resultados.

A 'Marselheza' no Vaticano



Tocou-se no Vaticano, na capella dos monges, o hymno da Republica Franceza, á passagem dos officiaes d'esta nação. O papa entrou, pois, no caminho da propaganda republicana. E os reis, a que o direito divino sustenta os thronos, o que fazem deante d'esta attitude do representante de Deus na terra? Deixam-se assim anniquillar, ou escalam o ceu?

O BAILE DA LEGAÇÃO INGLEZA



A concorrência era enorme...

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

D'escantilhão



Sua Alteza Bigodelha, tendo tomado a resolução irrevogavel de seguir para Africa, entendeu que o meio mais rapido de conducção de que se pôde servir é o seu celebre dog-cart. Por isso esperamos ahi pelo principio d'abril comer um peixe que nos ha-de contar quanto soffreu ao ser atropellado pelo senhor infante. Pobres peixes... d'abril!

Gustavo Binda